



POBRES
SERVOS

SHALOM

Brotos de paz



***Carta do Casante Padre Massimiliano Parrella
à Família Calabriana***

Verona, 26 de Novembro de 2023



POBRES
SERVOS

«Estamos numa hora difícil, em que o mundo precisa urgentemente de paz e salvação que só pode vir do alto. Cabe a nós, portanto, apressar a hora da misericórdia divina com a santidade da vida. É aquilo o que deseja fazer a nossa Obra, e todos os Pobres Servos, convencidos como estamos que somente a santidade pode levar os homens a Deus, especialmente no próximo Ano Santo"»

*São João Calábria
ao Cardeal Clemente Micara,
16 de dezembro de 1949*



POBRES SERVOS

Meus queridos irmãos, irmãs e amigos da Família Calabriana, Shalom!

Desejo profunda e intensamente dizer-lhes! Ainda e verdadeiramente, desejo poder ouvir esta saudação dos lábios de Jesus, com o seu tom de sua voz.

Shalom!

Aquela palavra, aqueles lábios, aquele rosto.

Ainda hoje, agora, ressoam, ainda agora ouvindo aquela saudação podemos olhar o seu rosto e assim tudo muda: Ele entra no cenáculo com o corpo marcado pelas feridas de uma violência sofrida, aceita, acolhida e ainda assim diz:

Shalom!

Ele, Evangelho Vivo, para quem o nosso São João Calábria nos convidava e nos convida a olhar, a ser como ele: Evangelhos Vivos.

Shalom!

Nestes dias temos notícias de guerras que nos transtornam porque estão próximas: Gaza, Ucrânia! Não esqueçamos aquelas silenciadas porque estão longe: Sudão do Sul, Iémen, Síria, Etiópia...

A guerra, algo trágico!

Poderia Jesus ter escolhido entrar onde os discípulos estavam escondidos e dizer outra coisa que Shalom?

Quem faz a guerra esquece a humanidade, não parte do povo, não olha para a vida concreta das pessoas, mas coloca apenas acima deles os interesses de poucos e o poder.

O que nos move para a guerra?

Os interesses partidários, os interesses do poder, essencialmente uma falsa ideia da nossa identidade.

Quem se apoia na lógica perversa das armas esquece ou não sabe que Deus é Pai, e se afasta dos seus semelhantes que não os percebe como irmãos.



POBRES SERVOS

Jesus acolhe e assume a violência, Ele procura radicalmente a paz, em cada conflito rejeita as armas. Ele, filho de Deus Pai, é um operador de paz: não gera guerra, ou usa violência para se fazer compreender, para fazer valer as suas razões ou para fazer compreender aos seus discípulos o que tinha acontecido realmente três dias antes.

Shalom!





POBRES
SERVOS

1. PAZ É COMUNHÃO

O termo hebraico **Shalom**, que passou a ser eirene em grego (e depois pax em latim), é traduzido nas línguas modernas com a palavra “paz” que significa ausência de guerra, de dificuldades, de contrastes; tem portanto um caráter negativo.

Nas línguas antigas, porém, o conceito de paz, além deste significado, carrega muitas vezes um significado positivo: indica uma união, uma aliança (*foedera pacis*).

Na linguagem cristã antiga, o termo paz é constantemente usado para indicar sociedade, vínculo de união: «*os hereges não são acolhidos na paz e na comunhão das igrejas derivadas dos apóstolos*». (Tertuliano, século III d.C.)

Santo Agostinho, numa carta a São Jerônimo, escreve: “*Veio a mim um jovem piedoso, irmão na paz católica*”.

Nas inscrições tumulares paleocristãs, a fórmula “em paz” serve até como critério para julgar a natureza cristã de um sepultamento: mesmo dentro da mesma família era possível encontrar túmulos com inscrições e simbologias cristãs, e outros não.

A fórmula “*depositus in pace*” só é plenamente compreensível se considerarmos que aqui a paz não significa tanto tranquilidade, ausência de tribulações, mas antes uma comunidade, a Comunhão dos Santos (a Igreja).

Em outra fórmula muito comum, **koinonia kai eirene** (em latim **pax et communio**) não são coisas distintas, mas uma única realidade expressa por duas palavras sinônimas. Esta hendíadis é ainda hoje utilizada na abertura das solenes encíclicas pontifícias, com as quais o Papa pretende dirigir-se aos arcebispos, bispos «*pacem et communionem cum Apostolica Sede habentibus*».

Duas palavras, portanto, unidas numa figura retórica em que um conceito se expressa com dois termos coordenados, duas palavras, uma das quais seria o complemento da outra.



POBRES SERVOS

Outro exemplo é encontrado na hendíadis **symphonia kai eirene** em que o conceito de paz se casa mais uma vez com o de comunhão: Santo Atanásio, bispo de Alexandria no Egito, afirma que esta “*symphonia kai eirene*” o une a quatrocentos Bispos.

O Papa Júlio garante a Atanásio, depois do Sínodo de 340, que ele goza de "**koinonia kai ágape**" (**comunhão e caridade**), isto é, da comunhão eclesial.

Neste caso, “ágape” não é apenas amor fraternal, mas o vínculo da comunhão.

A História é, portanto, para nós um testemunho de que a comunhão nasce da Paz: concreta, verdadeira, procurada e vivida no próprio contexto. Não há comunhão sem paz!

2. A PAZ É UM DOM DA TRINDADE

Desejo partilhar com vocês reflexões sobre um dom precioso que Jesus derramou por meio do Espírito Santo, trazendo-nos a essência do Pai: a Paz.

Esta paz existe, ele no-la deu concretamente no momento em que a lança do soldado lhe transpassou o lado e a reafirmou como estilo e escolha de relação no cenáculo. Assim a trindade se fez justiça.

Esta é a paz que tanto desejamos para o nosso mundo.

Depois de 60 anos da publicação da encíclica “*Pacem in Terris*” do Papa João XXIII, abre-se um espaço de reflexão profunda sobre a paz e sobre a comunhão no contexto atual. Este importante documento, publicado em 1963, revelou-se profético nos seus ensinamentos sobre os desafios da paz, dos direitos humanos e da justiça social. Hoje contextualizamos a mensagem considerando o mundo em que vivemos: é fundamental, para sermos servos da divina Providência, por um lado, continuar a meditar sobre estes temas, e por outro encontrar formas concretas de os aplicar! Peço-lhe que tirem lições e apliquem os princípios da “*Pacem in Terris*” à realidade contemporânea como Evangelhos Vivos.



POBRES SERVOS

Para ser Família Calabriana, nascida do coração da Providência – portadores de paz no contexto da justiça do Pai, é necessário um duplo compromisso: interior e coerente.

É necessária uma conscientização: tudo nos é dado e, portanto, temos tudo à nossa disposição e gestão.

É necessário um estilo como o de Jesus: agir em comunhão-união com o Pai.

Jesus, em São João Calábria, nos guia na escolha de ser homens e mulheres de paz e fazer a paz, esta decisão começa no coração de cada um de nós, como aconteceu no coração transpassado de Jesus.

Para sermos pessoas de paz, devemos buscar a paz interior, uma paz que brota da nossa relação íntima com Deus, da nossa consciência de sermos filhos daquele Pai. O fazer a paz nasce do nosso compromisso de viver de acordo com os princípios da justiça e do amor derramados pelo Pai através de Jesus como sua Providência para o mundo.

A escolha de afirmar-se através da Paz (tanto o Pai como o Filho poderiam ter decidido de outra forma) surge da coerência de Deus consigo mesmo, como Pai, e surge da coerência de Jesus consigo mesmo, como Filho.

Desta relação e conhecimento e coerência consigo mesmo nasce a comunhão entre eles que se manifesta a nós, irmãos e irmãs de Jesus e, portanto, filhos do Pai através do Espírito Santo.

A escolha da paz como justiça divina feita pelo Pai e da paz como justiça humana feita por Jesus nos permite fazer comunhão com eles, e neles. A comunhão com eles nos compromete e envolve através do Espírito Santo; esta comum união é tal que nos torna um corpo espiritual e físico com Jesus e em Jesus: Igreja.



POBRES
SERVOS

3. A PAZ É O HÁBITO DO CRISTÃO

Que atitude poderíamos ter, portanto, como Família Calabriana?

O nosso São João Calábria nos diz, numa carta datada de setembro de 1942: *«Recomendo-lhes muito a caridade; os Pobres Servos devem por em prática a grande palavra de Jesus: “Ut unum sint”. Sejam uma coisa só, entre vocês e com os seus Superiores. Ajudem-se e tenham mútua compaixão, usem de boas maneiras, tornem-se reciprocamente serviçais, carreguem os pesos uns dos outros: “omnia vestra in caritate fiant”. E procurem afastar tudo aquilo que poderia perturbar a caridade, a união e a paz entre irmãos; não se ponha o sol sobre a vossa ira, volte a reinar entre vocês a paz momentaneamente abalada, e façam-no com verdadeiro espírito».*

Às vezes acontece que nos encontramos desenhando a Família Calabriana, a Obra que nos foi entregue, paramentados, como um bispo na sua função oficial com a mitra, o báculo, ou também imaginamos a Família Calabriana com a Bíblia na mão, ou mesmo com uma vela, outras vezes a descrevemos como laboriosa, técnica, atenciosa, contábil. Somos tudo isso, e também mais; mas, como nos encontramos?

Circulei muito entre vocês e a imagem mais bonita, eu diria que mais condiz com a forma como expressamos a linguagem bíblica e encarnamos o evangelho, é a **Obra do Avental**. No Evangelho de João se diz: *Jesus levantou-se então da mesa, tirou o manto, e vestiu um avental e começou a lavar os pés. (ver João 13,1-20)*. Jesus, Ele que é a Divina Providência, nos mostra o estilo: veste um avental!

Todos nós, irmãos e irmãs, dependendo da forma como gerimos a obra que nos foi confiada, temos paramentos “sagrados” - uniformes, temos também “as nossas sacristias”; pois, por favor, deixemos entrar nos nossos guarda-roupas, nos nossos lugares, o único instrumento que tem todo o direito de estar ali: o avental.

Vistam vossas roupas de trabalho, mobiliem os vossos espaços técnicos e vivam a vida e levantem-se, tirem a roupa, vistam o avental e comecem a servir.



POBRES SERVOS

Entendam que a paz começa aí: a ética do rosto de Jesus - Evangelho Vivo.

Estou convencido de que se nos abirmos à dimensão de Deus Pai a partir do rosto humano de Jesus, poderemos com ele e nele sermos homens e mulheres de paz. Acredito que se, seguindo os passos de um grande homem de paz, Pe. Tonino Bello, pudéssemos mudar alguns versículos da Bíblia que dizem:

«Deixa-me ver, Senhor, o teu rosto, a tua face, Senhor, eu procuro» (ver Sl 27)

e dissermos *“Teu rosto, irmão, eu procuro, mostra-me teu rosto”*, então teríamos encontrado não só as raízes, mas também as árvores, os ramos, as folhas, as flores, os frutos da não-violência e da paz, da comunhão.

Porque a paz vem do vestir aquele avental e da coragem de lavar os pés uns dos outros e, portanto, fazer comunhão.

Na carta acima citada, São João Calábria recomenda vivamente a caridade, nos convidando, como seus filhos, a pormos concretamente nos nossos espaços e nos nossos tempos **Jesus** como **estilo de comunhão** uns com os outros.

O nosso distintivo seja a Caridade!

“Queridos jovens, vos recomendo muito e muito a caridade, esta veste, este distintivo do cristão. Nos nossos dias há muita, mas muita necessidade desta virtude, trazida do céu à terra por nosso Senhor Jesus Cristo e que quer que arda em todos os corações”. (São João Calábria, Festa do Sagrado Coração de Jesus, sem data)

A paz a ser procurada e de fazer tornar-se opção absoluta nas nossas relações não é, portanto, algo externo, nem um casaco para vestir, ou uma posição a ser assumida, mas um verdadeiro **habitus mentis**, devido ao estilo de comunhão da caridade de Cristo assumida por aqueles que se dizem cristãos.



POBRES
SERVOS

4. A PAZ É CELEBRAÇÃO DA VIDA

O primeiro cuidado devemos manifesta-lo no interior das nossas comunidades, servindo os irmãos e as irmãs, e deixando-se servir por eles.

Gastar-se para os pobres é bom. Mas é melhor capacitar-nos como Obra lavando os pés daqueles que são excluídos de todos os sistemas de segurança e que são marginalizados de todos os banquetes da vida.

Quem são esses marginalizadas hoje?

Antes dos migrantes, das pessoas deficientes, dos refugiados, dos oprimidos, daqueles que normalmente ficam fora do cenáculo mundano, antes mesmo estão os familiares: estão aqueles que partilham conosco a casa, a mesa, o templo, o trabalho.

Somente quando tivermos enxugado os tornozelos dos irmãos, as nossas mãos poderão fazer milagres nas panturrilhas dos outros sem arranha-las. Ainda mais difícil, os nossos pés poderão mover-se em busca dos últimos sem se cansar, somente quando forem lavados por uma mão amiga, fraterna. Do lava-pés devemos recuperar o **valor da reciprocidade**. Este é o ensinamento mais forte escondido naquele gesto de Jesus.

Mas, somos chamados a dar um passo a mais. *"Uns aos outros..."*

Com aquele convite do Evangelho e de São João Calábria, somos chamados a concluir que no gesto de tirar o manto e vestir o avental, há um forte convite a saber "perder a vida"! O que isso quer dizer?

Significa tornar-se aquele grão de trigo que cai na terra e apodrece, morrendo para si mesmo, porque só assim poderá florescer a vida nova na espiga: um novo amanhecer, um amanhecer de Paz que marcará não só o fim dos conflitos, mas o **início de novas relações**, novas amizades, novas reciprocidades, e se restabelecerá aquela Aliança com o Criador e com a Criação.

Eis a verdadeira Eucaristia celebrada: não aquela dos ritos, mas aquela **ousadia evangélica**, que não pactua com os opressores, mas que se torna bacia, toalha, avental... que se torna caridade!



POBRES SERVOS

Como nós vamos conseguir fazê-lo, o achamos recuperando o íntimo diálogo interior, como fazia o nosso santo fundador, com Jesus.

Ele nos conhece melhor do que nós mesmos e se entregarmos a Ele a nossa “cabeça” o reconhecemos como cabeça da nossa vida, o nosso corpo será instruído e conduzido com amor infinito em direção ao nosso chamado individual a sermos filhos, irmãos e irmãs missionários.

Muitas vezes também nós nos encontramos apegados a uma fé confortavelmente morna, cômoda, ao ponto de ser frouxa, fraca, vazia, com o **risco de esvaziar também o momento culminante, e reduzir a Eucaristia a um momento de complacência tranquilizadora.**

“*Fazei isto em memória de mim*” significa ser para Cristo, com Cristo, em Cristo, receber o seu corpo e ser verdadeiramente, neste tempo e nestes espaços, o seu corpo. Só assim se cumpre o pedido que Ele nos faz de recordar: em estarmos agora em comunhão com Ele e com os outros.

Assim reconciliar e levar a Ele, n’Ele, com Ele os tempos e os espaços, as relações, as coisas que administramos, habitamos e, enfim, a nossa vida.

Desta forma, **a Eucaristia torna-se uma força exuberante que muda o mundo**, que dá o desejo do novo. Este é o nosso novo: os espaços marginalizados da alma humana e do mundo. O Senhor nos chama para lá, com uma nova ousadia, com uma nova coragem. A Eucaristia nos deverá levar lá aonde as pessoas sofrem com lógicas diferentes daquelas mundanas.

“A missa deveria nos lançar para fora. Em vez de dizer que a missa acabou, ide em paz, deveríamos poder dizer que a paz acabou, ide à missa. Porque se vais à missa, acaba a tua paz” (Padre Tonino Bello).

Termina a paz como hábito mundano e inicia a paz de Jesus.



POBRES
SERVOS

5. A PAZ É UM CAMINHO EM DIREÇÃO AO OUTRO

João XXIII nos lembra que a paz é um dom divino e que devemos buscá-la com humildade e oração. Ele escreve: *“Num mundo está cheio de sofrimento. E num mundo tão marcado por tantos males, cada um de nós sente-se convidado a procurar a paz com humildade e confiança, com a oração e o sacrifício”*. (Encíclica *Pacem in Terris*)

Tudo isso lembra-nos que a busca da paz é uma missão espiritual e é, porém, concreta: **exige a nossa humildade diante de Deus e a nossa dedicação no serviço aos outros.**

Uma coisa é compreender porque “acontece assim” e outra coisa é, perante uma injustiça evidente, permanecer interiormente em paz e escolher por adotar a paz, fazendo escolhas de paz. Saber distinguir o que é compreensivelmente lógico para o mundo daquilo que é certo para Deus e que, portanto, escolhemos fazer como Família Calabrianiana junto com Jesus.

Na sua Encíclica “Fratelli Tutti” (ver nº 101), o Papa Francisco exorta-nos a ver em cada pessoa o nosso próximo, independentemente da sua origem, cultura, ética ou fé: **cada desconhecido abandonado ao longo da estrada pode tornar-se próximo se alguém parar para ajudá-lo.**

Esta perspectiva lembra-nos que a paz não pode ser alcançada se não nos preocuparmos com os outros e se não estivermos dispostos a estender a mão a quem tem necessidade. Ser verdadeiros “irmãos” requer um **compromisso ativo para combater a indiferença e a divisão**: um mundo não se constrói com a divisão e o ódio.

“Meus Deus, a guerra continua. Eu nunca entendi como um cristão possa defender, patrocinar a guerra. A guerra é um grande flagelo que a humanidade chamou com sua desordem, com os seus pecados. O cristão deve sempre rezar para que reine a paz, para que os homens nos desentendimentos, raciocinem e à luz da razão, e mais ainda iluminados pela fé, decidam e estabeleçam aquilo que é melhor para um povo cristão e civil, mas a guerra não, não, não. Missão do cristão na guerra é repudiá-la e fazer tudo o que está ao seu alcance para suavizar todas as dores e as misérias que este flagelo traz. Os irmãos matando irmãos! Quem pode pensar e aprovar, isso sem renunciar a ser seguidor de Jesus Cristo.” (São João Calábria, DIÁRIO, 9 de junho de 1918)



POBRES
SERVOS

6. PROMOTORES DE PAZ

Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. (Mt 5,9)

Ser promotores de paz não significa ter soluções prontas ou aplicar fórmulas que resolvam questões complexas muito além do alcance de cada homem e mulher de boa vontade. Mas significa antes ser criativos, dispor o pouco ou o muito que temos e acolher as inspirações que o Espírito nos dá.

O que vos proponho agora é um simples acróstico da palavra paz, para cada letra uma palavra que explica e contém o seu significado profundo.

Se quiserem, cada um também pode fazer o seu acróstico, integrando e substituindo as palavras por outras. No que me diz respeito, as quatro palavras que surgem da palavra PACE [italiano] (PAZ) e são também o seu conteúdo específico são as seguintes.

P como PERDÃO

Leiamos juntos um trecho da carta aos Religiosos de 25 de março de 1945, onde escreveu o nosso São João Calábria: *Irmãos, Deus nos chama, continuamente nos chama. Quando vejo e ouço essas armas de guerra, semeadoras de destruição e de morte, tenho a impressão de ouvir a voz de Deus criador gritando a nós: “Chega, chega, chega de pecados! Vida verdadeiramente cristã no pleno sentido da palavra!”.*

(...) Somos cristãos! Vivamos, portanto, na caridade sincera, amemo-nos uns aos outros. Somos todos filhos de um mesmo Pai que está nos céus, somos todos irmãos em Cristo que nos redimiu, somos todos uma única família, a família de Deus. Por que, então, tanto ódio? O ódio é obra de Satanás. Quem odeia se torna instrumento de Satanás, que quer a destruição do bem. O ódio é morte, o amor é vida; o ódio é tormento, o amor é alegria. Como é triste ouvir, entre os cristãos, sinistros propósitos de ódio e de vingança. Fazem-se projetos esperando ansiosamente a hora de desafogar esse baixo instinto após o término do flagelo. Não, não, pelo amor de Deus! Cultivemos, pelo contrário, generosos propósitos de perdão e de paz. Todos pecamos, todos temos necessidade de repetir sinceramente aquela oração sublime que Cristo nos ensinou: “Pai nosso, que estás nos céus..., perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Que paz seria a nossa se a profanásemos com a luta fratricida, com as vinganças particulares, com as represálias? Que cristianismo seria o nosso?”



POBRES SERVOS

O que faz Jesus quando não é compreendido, não é seguido, abandonado, agredido, preso, despido, espancado, ofendido, torturado, julgado injustamente, condenado à morte, sepultado?

Só quem perdoa pode difundir de si mesmo a paz e depois, ressuscitado, saudar com o Shalom!

Pensem o quanto foi difícil para Jesus: ele suou sangue! A paz é conquista, caminho, compromisso.

Mas seria muito ruim se alguém pensasse que isso seja só e simplesmente fruto dos seus (nossos) esforços humanos ou o resultado do seu (nosso) voluntarismo titânico. A Paz foi uma opção conjunta: Pai, Filho e Espírito Santo.

"*Made in Cielo*" [feita no céu] (Padre Tonino Bello). A paz é uma escolha baseada num dom que vem do alto. Em comunhão.

Qual é então o papel dos promotores de paz? Aquele de não devolver o dom da paz ao remetente. **É, em particular, aquele de tornar atual e disponível para todos este presente da parte de Deus.**

Explico-me com uma imagem:

Jesus desceu à terra atormentada pela sede. Com a sua cruz, plantada no Calvário como uma broca, cavou um poço de água muito fresca. Jesus, uma vez ressuscitado, entregou este poço aos homens dizendo: «*Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz*» (Jo 14,27).

Agora cabe a nós tirar a água da paz para saciar a sede da terra. A nós, cabe a tarefa de trazê-la à superfície, de canalizá-la, de protegê-la das poluições, e fazê-la chegar a todos.

A paz, portanto, é um dom. Aliás, é "*per-dão*". Um dom "para". Um dom multiplicado. Um dom de Deus que, quando chega ao destinatário, leva também o "con-dono" [*dom partilhado pelo irmão* – nota do tradutor] do irmão. E aqui o discurso se torna muito concreto.

Como podemos **pronunciar palavras de paz se não sabemos perdoar?** Novamente há um trabalho íntimo e pessoal para escolher e fazer.



POBRES SERVOS

Para testemunhar, é necessária coerência entre o que dizemos e o que fazemos. Caso contrário, fazemos o papel das crianças caprichosas, pretendemos ser credíveis com base em normas escritas e professadas, enquanto concretamente nos nossos assuntos quotidianos prevalece a lógica do mundo, aquela do *“me la lego al dito”* (vou amarrá-lo ao meu dedo) [*levar dentro de si raiva do outro – N. do t.*].

Uma coisa é compreender a lógica da “dissuasão” do míssil por míssil e como esta rege as relações entre os Estados, outra coisa é começar a pensar em escolher em sair dos esquemas do *“olho por olho e dente por dente”* e pedir a Jesus como fazer e se comportar de maneira diferente em nossos conflitos diários. Fazermos com Ele ou para Ele.

Só quem perdoa pode, como ressuscitado, falar de paz. Seríamos pouco convincentes se não estivermos dispostos a esse desarmamento unilateral e incondicional de Jesus que se chama “perdão”. Aquele depor as vestes do qual escrevia acima! Se começa daqui! Então também será legítimo teorizar sobre a não-violência ou raciocinar sobre o diálogo entre os povos ou amaldiçoar sinceramente a guerra.

A como ARTE

Padre Tonino Bello dizia: *“A não-violência é uma cultura ainda frágil”, mas “a paz é uma arte que se aprende”.*

E a arte é um itinerário educativo permanente. Pensando nos quatro pilares da Pax Christi, é possível implementá-la como busca da *verdade*, sopro de *liberdade*, fome e sede de *justiça*, força do *amor* ou “convívio das diferenças” que afunda as suas raízes no mistério trinitário: igualdade, diferença, relação.

Todos iguais, todos diferentes, todos em relação. E cada um pode fazer alguma coisa.

Isto, talvez, seja o que nos falta e deve ser procurado e desejado: **despertar uma nova confiança na possibilidade de mudança**; sentir a paz não apenas como um dever, mas como um prazer de viver juntos como membros da família humana; praticá-la não apenas como uma luta tenaz, por vezes demasiado alarmada, mas como um movimento de amizade libertadora, como compromisso alimentado pela sabedoria do sorriso. Uma arte a praticar, aquela da paz que nos permite verdadeiramente, de **uma forma nova, ser artesãos de uma cultura da Providência** que manifeste a beleza e a verdade de um



POBRES SERVOS

Deus que é Pai, e que possamos continuar a anunciar ainda hoje, com categorias e linguagens novas, custe o que custar.

C como CRUZ

Jesus pregado indica o sofrimento da cruz que, como dizia São Paulo, é «*escândalo para os judeus e loucura para os gentios*» (1Cor 1,23).

A cruz pessoal de Jesus, e a cruz de todos nós, porque todos somos chamados a dar a nossa contribuição de sangue, torna-se afluente do grande rio que nasce do Gólgota e que alimenta a economia submersa da salvação. Sentir-se livres e estar com Jesus, em Jesus, só acontece graças à comunhão com o Pai e graças ao Espírito Santo. Nos é impossível sozinhos.

A cruz abraçada por amor é uma loucura e uma estupidez para o mundo. No entanto, esse “estar” nos muda e muda o mundo.

Aí com a cruz, a sua e a nossa cruz, há pouco com que brincar porque nos encontramos frente a frente com o medo, a angústia e finalmente com a morte. No entanto, ali há salvação.

É difícil explicá-lo, e é um Mistério que não se compreende afastando-se dele; é preciso experimentá-la, a cruz. Aquela espécie de “Banco de Depósitos e Empréstimos” que é a **economia da salvação**, da qual o Senhor se vale para a salvação do mundo, a libertação do mundo, aquele fundo comum de graça, misericórdia e força que muda o destino do mundo, transformando a fraqueza em ousadia e a derrota certa em vitória, também nós o alimentamos com o nosso sofrimento físico, com o nosso choro, com as nossas lágrimas, com a nossa dor.

O poeta dinamarquês Hans Christian Andersen diz que *“no céu não sei onde no firmamento, há uma estrela na qual o Pai Eterno guarda num baú todas as lágrimas dos homens, porque as lágrimas nunca são inúteis. Essas lágrimas são as nossas, das pessoas, da criação, que alimentam o banco de onde Deus tira”*.

A criação, na sua humanidade, é esmagada pelos faraós de todos os tempos, fiquemos longe.



POBRES SERVOS

A cultura do compromisso com o mal nunca poderá encontrar uma mediação com a cultura do artesão da Divina Providência. **A escolha de campo não permite compromissos.**

As várias situações internacionais, os massacres, os espetáculos da fome, passam diante dos nossos olhos como goteiras inconsumíveis pelo deslizar do mar de dor. Uma enormidade de injustiças diante das quais nos sentimos humanamente sucumbindo. Esta tentação de pensar até nas piores situações sem uma saída, se vence com Jesus e em Jesus.

Mas é a **esfera pessoal de escolha que faz a diferença** no campo do fazer. Porque estar nas dores da cruz permite-nos encontrar a coerência da lógica de Deus: descartamos a do mundo e trabalhamos duro, porque nos sentimos chamados a servir. Servir para tirar da cruz as pessoas pobres que passam ao nosso lado derrotadas, dilaceradas, mortas e sangrando até a morte. Ali não faltará a dor, mas a coragem e a força serão superabundantes.

E como ÊXODO

Devemos deixar as riquezas, coisa com a qual nos desacostumamos também na Igreja. O Novo Testamento e em particular o livro dos Atos dos Apóstolos falam claramente: *“Vendiam e davam aos pobres”* (cf. At 2,44-45; At 4,32). Jesus também diz: *“Vai, vende aquilo que tens, dá aos pobres, vem e segue-me”* (Mc 10,21).

Mas Jesus não pede uma libertação insensata dos valores que nos são dados para administrar, mas sim um uso destes com Ele segundo as suas finalidades.

Quando digo “deixar as riquezas” entendo dizer sobretudo deixar o poder, a vontade de dominar, que é também o poder sobre as consciências, sobre os pobres, sobre os nossos assistidos, sobre aqueles que colaboram conosco. Isto vale também para nós, religiosos, religiosas, que exercemos um poder moral, e vale para quem quer que seja que exerce uma ação de governo, na gestão de recursos materiais e ainda mais humanos. Devemos estar atentos, ter a decidida e delicada atenção de Jesus. Para que isto seja possível, porém, *Jesus deve deixar de ser um conceito ou um simples exemplo a seguir, mas tornar-se uma relação vital*, devemos falar com ele e dialogando com ele, decidir o que fazer.



POBRES SERVOS

Este diálogo exige um verdadeiro e próprio êxodo; exige deixar para trás uma religiosidade feita de preceitos e uma moral que se veste conforme as ocasiões: *“depôs o manto e vestiu o avental”*.

Não devemos, portanto, fazer uma operação de despir-nos: tirar as roupas. De fato, só revestindo-nos de Jesus Cristo podemos bendizê-lo e glorificá-lo com o outro e no outro que nos é próximo.

Uma ênfase interessante a encontramos no Evangelho de João: *“Depois de lhes lavar os pés, retomou as suas vestes, tornou a sentar-se...”* (Jo 13,12), quando nos diz que Jesus retoma as vestes, mas não tira o avental. Não é um “esquecimento”: **aquele avental deverá se tornar o nosso verdadeiro traje, o nosso verdadeiro distintivo.**

O êxodo dos hábitos conceituais ou dos preceitos tranquilizadores permite-nos sair da ambiguidade: tornamo-nos coerentes da coerência de Jesus. Podemos acolher, compreender, mediar, mas nunca compromissos, nunca ligações com o poder, nunca procura da riqueza, nunca escravização a mentira de sermos necessários. E se fossem necessárias evidências mais convincentes, a medida do que somos e do que possuímos fica clara para nós se observarmos a nossa morte física.

Recomendo a todos nós de sermos como Jesus, filhos e filhas humildes que administram os dons recebidos do Pai e levam de volta tudo ao Pai porque tudo veio d’Ele.

Portanto a nossa Obra, não por cálculo ou por oportunismo, mas por vocação, deve habitar os subterrâneos da História e não os palácios dos poderosos, deve tirar a armadura de Saul para pegar a funda de David. Devemos descobrir a incrível força da não-violência!

Como Família Calabriana não somos chamados a competirmos com os outros. Evitemos de nos revestir com os sinais do poder. **Nós temos o poder dos sinais, não os sinais do poder.**

Prestemos, no entanto, atenção ao risco dos **delírios de onipotência**: gostaríamos de resolver os problemas de todos aqueles que caíram no vício, de todos os marginalizados, de todas as prostitutas, de todos os despejados, de todos os migrantes, de todos os doentes; mas se pretendêssemos resolver o problema de todos, teríamos os sinais do poder sobre nós. Não somos chamados a resolver os problemas da marginalização, da injustiça, da fragilidade, mas temos o poder de colocar sinais nas vias rápidas por onde



POBRES SERVOS

as pessoas passam; os sinais de Jesus, sinais de partilha, de pobreza, de bênção. Introduza para dentro da tua casa os sem-teto, alimente os famintos, participe da vida dos mais pobres, não se esquecer dos que estão sozinhos... Estas são as ações que encontramos no Evangelho de Mateus no capítulo 25: *“Tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e vocês me deram de beber, eu era estrangeiro e vocês me acolheram, estava nu e vocês me vestiram, eu estava doente e vocês me visitaram, eu estava na prisão e vocês vieram me visitar...”* e isto é também aquilo que fez o jovem clérigo João Calábria.

Sem cálculo. Sem recursos.

Sinal.

Também Jesus não resolveu o problema de todos os marginalizados do seu tempo, não ressuscitou todos os mortos, nem todos os leprosos foram purificados e nem todos os epiléticos foram curados: apenas alguns, porque caso contrário Ele mesmo teria tido os sinais do poder sobre seus ombros.

O Senhor nos faz entender que não podemos resolver todas as injustiças, mas podemos colocar sinais de esperança, acender luzes, tocar os sinos. Nós, como **Família Calabriana, como família carismática, somos chamados a ser isto: tocar os sinos.**

Por isso, gostaria de dizer-lhes de não nos angustiar se nos sentirmos impotentes diante das ondas da violência e da injustiça, principalmente quando experimentaremos a solidão, a impossibilidade da comunicação com os outros e teremos que guardar tudo dentro de nós. Jesus não nos libertou de todos os nossos condicionamentos, de todas as nossas pobreza e misérias; as carrega nos ombros e podemos compartilhá-los com Ele. Agora podemos caminhar com Ele, falar com Ele: habitar o Reino.

“Êxodo”, concluindo, significa deixar para trás as riquezas, deixar para trás as brigas, as seguranças, as compacidades tranquilizantes, deixar para trás as roupas e vestir o avental. Tentemos, como dizia Pe. Primo Mazzolari, a aprender a sermos todos, **homens e mulheres “de” paz e não “em” paz!!!**



POBRES
SERVOS

7. BROTOS de PAZ

Queridos irmãos, queridas irmãs, a Paz de Cristo é um dom e é um caminho de vida interior que se concretiza em escolhas e ações coerentes com Ele; permaneça sempre firme e nasça em todos o desejo de falar com Ele, de ser por Ele, com Ele, n'Ele.

Como Família Calabriana, a Família da Divina Providência que de infinitos maneiras se desvenda em nossas vidas, lembro, no final deste percurso a atenção sobre o risco das expectativas.

O que esperar então, para um futuro de paz?

Quando crianças, essa pergunta nem passava pela nossa cabeça, nem perturbava o nosso coração. O adulto, ao invés, que age, tem o coração, a mente e o espírito inquietos e está continuamente em busca de dias melhores.

A figura do velho, descrita no livro *“O homem que plantava as árvores”* de Jean Giono, ajuda-nos a encontrar uma resposta e dá uma solução de como administrar o que nos perturba e evitar sermos agitados por outra coisa que não seja uma **saudável preocupação pelo Reino.**

Também de nós deveriam dizer *“Ele era um atleta de Deus”*. Aonde passou aquela pessoa *“Era agora um lugar aonde se tinha vontade de morar. (...) Lázaro já havia saído do túmulo.”*

Espero de coração que esta história possa, de alguma forma, ser uma metáfora para o crescimento silencioso e, no entanto, inexorável da Paz dentro de nós e nos contextos em que vivemos.

Se uma pessoa pretende perseguir sozinha, com a sua feroz determinação de querer mudar a si mesma e ao mundo em que vive, planta sementes que com dificuldade chegarão a dar frutos.

“Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem fez crescer. De modo que nem quem planta nem quem rega é alguma coisa, mas sim quem faz crescer: Deus” (1Cor 3,6-7).



POBRES SERVOS

Na verdade, a germinação das sementes é inevitável e impossível de forçar, as árvores começam a crescer, cresceram e começaram a criar um novo mundo ao seu redor, a atrair água para a superfície, a dissolver as raivas, os medos, a feiura e a levar gotas de felicidade, e serem elas mesmas vida.

Desejo a **cada um de nós de ser um desses brotos**, de guardar dentro de si a esperança do agricultor que os plantou, de manter a sua determinação. Aprendamos a determinação pela Vida, apesar da aridez que se percebe ao nosso redor e dentro de nós, com a certeza de que um dia a Paz existirá e que teremos contribuído para a chegada desse dia. Um dia em que olharemos para o alto com os nossos olhos, para ver aquele Rosto e ouviremos com os ouvidos o som da sua Voz que nos diz: **Shalom!**

Bom brotar a todos!

Em Cristo vos abençoe!
Vosso irmão e pai
Padre Massimiliano Parrella

Verona,
26 de novembro de 2023
Festa de N. S. Jesus Cristo, Rei do Universo
Aniversário da Obra